

Vozes que clamam no deserto: bibliografias marginais sobre os batistas no Brasil

Voices crying out in the wilderness: Marginal bibliographies on Baptists in Brazil

Alonso S. Gonçalves¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é contribuir para o diálogo entre os batistas, mas principalmente colocar o/a leitor/a em contato com reflexões não convencionais, o que revela prontamente o espírito plural do modo de ser batista. A proposta é apresentar os textos-autores e suas contribuições para o pensamento e reflexão entre e para os batistas. Esses autores são, inevitavelmente, desprovidos de reconhecimento denominacional. A grande maioria dos textos é fruto de pesquisas acadêmicas dos autores. Assim, esses textos trazem contribuições para se pensar o modo de ser batista por vias alternativas, o que enriquece ainda mais a natureza plural do que é ser batista no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Pensamento batista; Literatura; Pluralidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to contribute to the dialogue among Baptists, but rather to put the reader in contact with unconventional reflections, which readily reveals the plural way of being a Baptist. The proposal is

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião (2014); Licenciatura em Filosofia (2006); Bacharel em Teologia (2004). Realiza estudos, com o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na Universidade Metodista de São Paulo, pesquisando Teologia das Religiões e Diálogo Inter-religioso a partir da Teologia Protestante. Contato: alonso3134@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1066881650609101>.

to present the authors' texts and their contributions to the thought and reflection between and for the Baptists. These authors are inevitably devoid of denominational recognition. The vast majority of texts are the result of academic research by the authors. Thus, these texts bring contributions to think about the way of being a Baptist by alternative means, which enriches even more the plural nature of what it is to be a Baptist in Brazil.

KEYWORDS

Baptist thinking; Literature; Plurality.

Introdução

A narrativa referente aos *batistas* da Convenção Batista Brasileira (CBB) se dá em duas direções, sendo que uma delas é de caráter hegemônico, ou seja, procura tutelar o discurso, a história e a doutrina. Essa perspectiva é patrocinada e legitimada pela Convenção Batista Brasileira (CBB). A narrativa tida como *oficial*, procura enaltecer seus fundadores e proteger doutrinariamente a “identidade” *batista*. Para isso, coloca à disposição das comunidades literatura trimestral e livros que reafirmem o discurso, a história *oficial* e a doutrina *correta*. Um exemplo de como essa perspectiva se impõe deu-se com a disputa quanto à *origem* dos *batistas* no Brasil. A narrativa *oficial* dos primeiros *batistas* no Brasil, patrocinada pela Convenção Batista Brasileira e tendo no pastor J. Reis Pereira o seu fiel propagador, sustenta a *tese* de que os *batistas* surgem em Salvador/BA, em 1882. Estava à disposição do pastor para a explanação do seu posicionamento “O Jornal Batista” (OJB), de distribuição nacional, do qual era diretor². Do outro lado, estava Betty Antunes de Oliveira, uma voz marginal, por ser mulher e por reivindicar na sua obra a *origem* dos *batistas* no Brasil em Santa Bárbara D'Oeste, em 1871³. O mesmo espaço

² J. Reis Pereira foi o diretor do “O Jornal Batista” de 1964 à 1988, sendo o responsável pelo OJB em todo o período da ditadura civil-militar no Brasil.

³ OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco*: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 2005.

no “O Jornal Batista” não lhe era dado, provavelmente pelo fato de ser Reis Pereira, como já dito acima, o diretor do referido jornal.

A outra direção, quanto à narrativa dos *batistas* no Brasil, tem como característica a *marginalidade*, pode não estar inserida no conjunto de textos e discursos aceitos pela instituição. Não sendo um discurso majoritário, mas minoritário, tem tido oportunidade de se expressar, principalmente quando a denominação deixou de exercer domínio na formação e divulgação de literatura, por razões diversas, mas sendo uma delas a extinção operacional da então JUERP⁴. Assim, os *batistas* no Brasil se viram diante de uma *pluralidade* em termos de informação e construção do seu pensamento que, em décadas anteriores, eram inconcebíveis. As pessoas se “orgulhavam” de uma certa *padronização* entre as igrejas e de como uma determinada literatura era “estudada” no Sudeste e, concomitantemente, no Nordeste do país, por exemplo.

Os temas-autores que iremos elencar a seguir têm como principal objetivo contribuir para o diálogo entre os *batistas*, mas principalmente colocar o leitor/a em contato com reflexões não convencionais, o que revela prontamente o *espírito* plural do modo de *ser batista*. A proposta é apresentar os textos-autores e suas contribuições para o pensamento e reflexão entre e para os *batistas*. Esses autores são, inevitavelmente, desprovidos de “reconhecimento” *denominacional*, mas também não estão preocupados com essa questão. A grande maioria dos textos é fruto de pesquisas acadêmicas dos autores, o que, *per si*, ganha credibilidade por se tratar de *pesquisadores*. Assim, esses textos-autores trazem contribuições para se pensar o modo de *ser batista* por vias *alternativas*, o que enriquece ainda mais a natureza *plural* do *ser batista* no Brasil.

Sendo a *pluralidade* uma marca do movimento *batista*, mesmo os missionários estadunidenses tendo o domínio da narrativa de fundação, os *batistas brasileiros* não se submeteram, ainda que minoritariamente, ao discurso hegemônico produzido e sustentado pelos pastores-missionários. O que é possível verificar no modo de *ser batista brasileiro* – entre correntes majoritariamente conservadoras e vozes minoritariamente

⁴ A Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), foi criada em 1907. Responsável pela confecção e distribuição de literatura denominacional em todo o território nacional.

dissonantes –, é uma configuração que tem como marcas o conservadorismo teológico, que aglutina uma *teologia salvacionista* e uma posição contrária ao ecumenismo; um visível conflito de gênero, tendo ainda como protagonistas no ministério ordenado a presença majoritária de homens, onde uma teologia sexista continua favorecendo um discurso discriminatório e reacionário. Portanto, novos horizontes são bem-vindos dentro desse contexto descrito. Ainda mais, porque no Brasil continuam sendo escassos textos ou traduções de autores que procuram pensar as origens do *pensamento batista* e sua diversidade. É premente o surgimento de autores *batistas brasileiros*, bem como de outros continentes, que procurem viabilizar narrativas acolhedoras e *plurais* a partir de temas que afetam o ser humano na sua dignidade, religiosidade e direitos. Assim, os textos-autores que passamos a elencar são mais que bem-vindos, pois eles expressam a dinâmica da *tradição batista* e procuram articular os temas que envolvem o *pensamento batista* em sua diversidade e *pluralidade*. Esperamos, com isso, que o leitor/a possa ter interesse pelas obras aqui apresentadas, o que ajudaria, ainda mais, a pensar o modo de *ser batista*, além de favorecer perspectivas ignoradas pela narrativa *oficial*.

O intuito aqui será apontar os principais elementos de discussão que os autores selecionados procuraram desenvolver. Por esta razão, o artigo propõe a interação com os textos produzidos, tecendo comentários e ampliando discussões, quando possível, como também focando em alguns aspectos dos textos temas relevantes para o contexto e pensamento do modo de *ser batista*.

1. Ser *mulher*, sendo batista

João Araújo é pesquisador do pensamento batista na área de educação e leituras marginais. Em sua tese de doutorado em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), o autor se preocupou em olhar a *educação* como elemento de *conversão* para os missionários estadunidenses, tornando o Colégio Taylor-Egídio de Jaguaquara, na Bahia, como objeto de pesquisa⁵.

⁵ ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Educação e conversão religiosa*. Curitiba: Appris, 2014.

No livro *Histórias, tradições e pensamentos batistas*⁶, Araújo traz uma linguagem acessível, procurando elencar importantes contribuições para uma *teogeografia* dos *batistas*, ou seja, demonstrando que os *batistas*, mesmo com a supervisão dos missionários, se constituíram como *plurais* no território nacional. Fazendo uma leitura atenta dos documentos e atas da Primeira Igreja Batista da Bahia (Salvador, 1882), o autor traça o perfil, as dificuldades, os conflitos e as crises dos missionários com os primeiros *batistas brasileiros* na capital baiana. Além disso, seu texto traz os conflitos com as mulheres; a questão democrática; as dificuldades que os primeiros *batistas* tiveram quanto ao cumprimento da lei, em um país majoritariamente católico; a relação que se deu entre os *batistas* alemães e os pastores-missionários estadunidenses, demonstrando a diversidade entre os dois grupos; o contexto protestante brasileiro e os *batistas* do século XIX.

Pesquisando as atas da Primeira Igreja Batista da Bahia, o autor levanta um tema controverso: comportamento e as regras impostas às mulheres dentro da comunidade como, por exemplo, falar em público.

Desde 9 de outubro de 1883, praticamente um ano depois de ter sido fundada a igreja batista em Salvador, ali se decidiu que as mulheres não podiam falar na comunidade. Para remediar a questão da imposição do silêncio feminino, a igreja criou uma outra reunião, com cunho social, em outro dia que não o habitual para seus cultos onde podiam falar. Decisões assim nos levam a pensar até que a santidade do culto é incompatível com a voz feminina⁷.

Essa condição imposta à mulher foi sancionada pelo pastor-missionário, no exercício do seu domínio sobre a comunidade com o seu discurso. Testificando isso, o autor traz o caso da senhora Maria Magdalena Bastos, amasiada. A comunidade aceitou a sua inclusão no grupo, mas o missionário, Salomão Ginsburg, “[...] fez a igreja negar sua decisão, voltar atrás e não aceitar quem já tinha sido aceita”⁸. Casos como esses,

⁶ ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Histórias, tradições e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

⁷ ARAÚJO, 2015, p. 30.

⁸ ARAÚJO, 2015, p. 31.

trazidos pelo autor, são multiplicáveis, principalmente em comunidades lideradas pelos pastores-missionários.

A questão da mulher ainda é assunto controvertido entre os *batistas brasileiros*, principalmente quando o assunto é *ordenação* ao Ministério Pastoral. Esse tema foi objeto de intensa discussão no órgão máximo que agrêmia os pastores batistas no Brasil, a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB)⁹. Na Assembleia, ocorrida em janeiro de 2007, em Florianópolis/SC, a OPBB decidiu *rejeitar* filiar pastoras, até que se fizessem novos estudos, cuja decisão em 2010, também em janeiro, só que em Cuiabá/MT, decidiu pela *negativa*. Naquela mesma Assembleia, as pastoras que haviam solicitado ingresso até a negativa poderiam fazer parte da agremiação e teriam suas inscrições efetivadas. Na Assembleia convencional de janeiro de 2011, em Niterói/RJ, a expressão “pastoras” foi suprimida do Regimento Interno da OPBB. O assunto estaria acomodado se, na Assembleia de Aracajú/SE, em janeiro de 2013, uma das pastoras que legitimamente faz parte da OPBB, não tivesse sido eleita para ocupar a secretária, tornando-se assim a primeira mulher membro da Diretoria da OPBB.¹⁰ Em janeiro de 2014, a OPBB, reunida em João Pessoa/PB, decidiu que o tema deveria ser tratado no âmbito regional, onde cada seção da OPBB pudesse deliberar sobre o assunto. Esse tema ainda é alvo de debates, principalmente em setores da denominação marcado por uma leitura textual da Bíblia.

2. Uma *história* a partir das margens

A história dos *batistas* no Brasil narrada pela perspectiva *oficial* privilegiava os fundadores (pastores-missionários) e enaltece suas qualidades. As questões que geraram conflitos na época são amenizadas e tendem a ter uma leitura a partir da ótica dos protagonistas, ou seja, dos pastores-missionários.

⁹ A OPBB é uma organização que agrêmia os pastores batistas do Brasil. Mesmo assim, cada Estado da federação tem a sua própria Ordem de Pastores com sua autonomia. A essas “ordens” regionais, a OPBB trata como “seção”.

¹⁰ GONÇALVES, Alonso; SILVA, Natanael Gabriel da. *Pastoreio e compaixão: uma contribuição à pastoral urbana a partir da teologia pública*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 62.

João Araújo traz uma leitura alternativa, procurando nas entrelinhas da narrativa *oficial* índices que contenham a *história* a partir das margens no seu texto *Batistas: dominação e dependência*¹¹.

O historiador italiano Carlo Ginzburg tornou conhecido o *método indiciário*, ou seja, olhar para as narrativas *oficiais* focando os *marginais*. Como bem observa o historiador, “[...] com muita frequência ideias ou crenças originais são consideradas, por definição, produto das classes superiores, e sua difusão entre classes subalternas um fato mecânico de escasso ou mesmo de nenhum interesse”¹². Não é o caso de Araújo, que foca os *marginais* na narrativa *oficial* dos pastores-missionários. Assim, o *autor* trabalha a partir de uma dialética *dominador-dominado* e traça uma reflexão em que as questões entre os *batistas brasileiros* (dominados) e os pastores-missionários (dominadores) não foram harmônicas em alguns momentos. Para isso, o *autor* trabalha com dois autores responsáveis pela narrativa *oficial* – A. R. Crabtree, missionário estadunidense que faz uma leitura de *resistência* ao discurso e pensamento *liberal* dos pastores-missionários no Brasil e Antônio N. Mesquita, pastor *batista brasileiro*, que procura amenizar ou até mesmo camuflar, em alguns momentos, os conflitos entre os *batistas brasileiros* e os pastores-missionários, por entender que eles e a agência de Richmond¹³ são o centro das decisões e padrão de comportamento, ou seja, discordar ou criticar o trabalho dos pastores-missionários estava fora de cogitação¹⁴. Araújo demonstra a dinâmica que se deu com os pastores-missionários que, por conta da origem dos mesmos, exerceram o *domínio* por razões óbvias, detinham o discurso, a doutrina e, principalmente, os recursos financeiros. Dessa forma, “[...] os missionários são descritos como os ‘heróis da fé’ e ‘intrépidos’ que deveriam ser lembrados, imitados, homenageados e honrados”¹⁵. Mesmo

¹¹ ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Batistas: dominação e dependência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015a.

¹² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 12.

¹³ A Junta Missionária dos batistas estadunidenses estava sediada em Richmond, no Estado da Virgínia. De lá que vieram os principais missionários para o Brasil.

¹⁴ ARAÚJO, 2015a, p. 182.

¹⁵ ARAÚJO, 2015a, p. 157.

assim, houve resistência dos batistas brasileiros em relação a alguns temas, como educação, por exemplo.

3. Intolerância como uma marca entre os *batistas brasileiros*

Notadamente, há na *matriz* dos *batistas brasileiros* sinais visíveis de *intolerância*. Herança da *evangelização* e presença dos pastores-missionários, que sempre nutriram disputas internas e externas marcadas pelo exclusivismo e intolerância religiosa, diferente dos *batistas ingleses* que buscaram convergências nas divergências. Não foi por acaso que os *batistas* particulares (tendência calvinista) e os gerais (tendência arminiana) se fundiram por lá. O mesmo não ocorreu entre os *batistas* dos Estados Unidos do Norte e do Sul, principalmente no que diz respeito à questão escravagista, o que gerou uma divisão com reflexos até o presente. É notório que a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos não participe do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), enquanto a Aliança Batista Mundial, da qual a Convenção Batista Brasileira é filiada, integra o CMI.

Essa *intolerância* tem suas raízes, e uma delas, indubitavelmente, é o *fundamentalismo* herdado dos pastores-missionários norte-americanos que aqui chegaram. No livro organizado pelos pastores *batistas* Jorge Pinheiro e Marcelo Santos, *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*¹⁶, há uma profícua discussão quanto a essa faceta dos *batistas brasileiros*, elencando as principais razões para um comportamento *intolerante* e *exclusivista*. Essas análises são feitas por *pesquisadores*, sendo textos oriundos de *dissertações* e *teses* produzidas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Além do *fundamentalismo*, o *landmarkismo*¹⁷ se configura nesse cenário. Movimento surgido nos Estados Unidos e popularizado por

¹⁶ PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

¹⁷ Termo que surge a partir de 1856, tendo James R. Graves, editor do jornal *The Tennessee Baptist*, como principal disseminador do *landmarkismo*, fazendo referência a Provérbios 22,28.

James Robinson Graves e J. M. Carroll com o livro *O rastro de sangue*¹⁸, no qual ensinam a sucessão apostólica dos *batistas*. De acordo com o *landmarkismo*, a única igreja neotestamentária, de fato, era a *Igreja Batista*, enquanto as outras eram consideradas sociedades religiosas e seus líderes-ministros destituídos de qualquer autoridade espiritual¹⁹. No Brasil, o *landmarkismo* se cristalizou também, não de forma contundente como nos Estados Unidos, mas perceptível. É dessa concepção a ceia restrita entre os *batistas brasileiros*, alvo de discussões entre pastores, bem como a reivindicação de alguns de que os *batistas* são, até mesmo, anteriores a Jesus, a partir de João Batista. Assim, afirmam que a *Igreja Batista* é mais bíblica que as demais. Essa pretensão colheu problemas e o impedimento para um diálogo ecumênico, uma vez que a identidade denominacional é baseada em disputas e não mais em *princípios*, aqueles que foram balizados no século XVII.

Entre os textos dessa coletânea, organizada por Pinheiro e Santo, está a contribuição do pastor *batista* Alberto Kenji Yamabuchi – *A voz paradoxal de uma mulher no debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil*²⁰. Essa mulher da qual Yamabuchi fala é Betty Antunes de Oliveira, mencionada acima. O *autor*, ao apropriar-se metodologicamente das contribuições de Michel Foucault, faz um pertinente debate quanto à *gênero* nos corredores das Assembleias da Convenção Batista Brasileira. Ele traça o *perfil* misógino que se mostrou visível em lideranças da denominação quando o tema foi a atuação e relevância das *mulheres* no cenário denominacional. Para essa postura, o *fundamentalismo*

¹⁸ O livro escrito por J. M. Carroll não chegou a ser publicado enquanto ele vivia, mas sim depois de sua morte. O livro procura acompanhar os cristãos através dos séculos, mais precisamente a “história” da Igreja Batista, desde o tempo de Cristo, seu fundador, até os dias atuais. Os pesquisadores, consideram uma obra tendenciosa e sem referências históricas que possam embasar as informações do livro.

¹⁹ NOVAES, Carlos. “Vocação para a intolerância: controvérsias e cisões na história dos batistas” (p. 9-12). In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo. *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

²⁰ YAMABUCHI, Alberto Kenji. “A voz paradoxal de uma mulher no debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil” (p. 51-79). In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo. *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

contribuiu muito, principalmente quanto a uma leitura *textualista* da Bíblia em relação à mulher²¹.

Outro texto ainda, do pastor *batista* Leandro Seawright Alonso – *Subversão religiosa, poder e experiência pentecostal na biblioteca do seminário: a formação das redes de poder*²², trata de um fato que *dividiu os batistas brasileiros* na década de 1960, Antes de ser um assunto *doutrinário*, o *autor* nos conta que o episódio se deu a partir de um intenso conflito de *poder* envolvendo lideranças denominacionais, onde um grupo buscava a primazia na condução denominacional e o *diálogo* foi prejudicado por conta disso.

4. Com muito custo, somos livres!

A história dos *batistas* e a sua concepção teológica visível na sua *eclesiologia* aglutina *pluralidade* teológica. Para alguns, essa diversidade constitui elemento de *unidade e identidade* dos *batistas*; para outros é um elemento que prejudica a doutrina da Igreja fazendo com que ela tenha indesejáveis *aberturas* teológicas, políticas e sociais. Uma das marcas dessa denominação que consegue agrupar em seu *corpus* a *pluralidade* e a *diversidade* em diferentes áreas, se deve “[...] a ênfase na competência do indivíduo para tomar suas próprias decisões morais e religiosas, e a defesa da eclesiologia congregacionalista, que outorga soberania e autonomia aos membros de uma Igreja Local”²³. Mesmo com essas marcas, os *batistas* são envolvidos em disputas internas quanto às suas prioridades e concepções teológicas, porque há quem vê nelas (competência do indivíduo e autonomia congregacional, por exemplo) um entrave para o desenvolvimento da *teologia salvacionista* – herança dos pastores-missionários norte-americanos –, ocorrendo assim certa imposição de um pensamento único e, quando possível, demonstrações

²¹ YAMABUCHI, 2012, p. 169.

²² ALONSO, Leandro Seawright. “Subversão religiosa, poder e experiência pentecostal na biblioteca do seminário: a formação das redes de poder” (p. 123-206). In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo. *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

²³ NOVAES, 2012, p. 11.

de intolerância para com aqueles que pensam e procuram desenvolver a *missão* da Igreja a partir de outro foco²⁴.

Um livro que procura contribuir para um entendimento quanto à *liberdade* que os *batistas* sempre propagaram e lutaram é do teólogo e pastor *batista* Walter B. Shurden. No seu livro traduzido por Raimundo César Barreto Júnior, Shurden elenca as principais *liberdades* dos *batistas*, mas que se configuram como *frágeis*, devido aos entraves e divergências. O *autor*, já no título, deixa claro os grandes desafios para os *batistas* – *Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas*²⁵. Esse texto, de leitura obrigatória para os que desejam conhecer a história dos *batistas*, deveria ser lido e estudado nas comunidades. Com uma linguagem clara e uma argumentação sintética, o *autor* passa por quatro grandes *postulados* para os *batistas*: liberdade da Bíblia; liberdade individual; liberdade da Igreja; liberdade religiosa. Em cada capítulo, Shurden apresenta argumentos plausíveis e sustentáveis na construção de uma identidade *batista*. Essa *identidade*, antes de qualquer outra coisa, é *plural* e não uniforme.

Para o contexto *batista brasileiro*, todo o texto de Shurden é relevante, mas destacamos alguns aspectos, como estamos fazendo até aqui com outras contribuições. Trata-se da relação que os *batistas brasileiros* têm com a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*. A *Declaração* busca ser um ponto hegemônico entre os *batistas brasileiros*, funcionando como um mecanismo institucional, onde está estabelecido os ditames da *doutrina* correta. A *Declaração* não detém o *controle* da *pluralidade* entre os *batistas brasileiros*, mesmo havendo vozes que falam pela instituição, afirmando que a *Declaração* é [...] o documento que expõe o que os *batistas brasileiros* creem²⁶. Afirmações como essa, ferem o *princípio* da *liberdade* entre os *batistas*, onde nem todos se veem contemplados em suas posições teológicas no documento. A *Declaração a Convenção Batista Brasileira* não funciona, precisamente, como um

²⁴ NOVAES, 2012, p. 12.

²⁵ SHURDEN, Walter B. *Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas*. Recife: MLK-B, 2005.

²⁶ FERREIRA, Ebenézer Soares. “Explicações sobre a declaração doutrinária da CBB” (p. 9). In: FERREIRA, Ebenézer Soares (Org.). *Comentários à declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009.

mecanismo de *uniformidade* doutrinária, antes quer ser *indicativa* sobre os temas da fé. Mesmo que haja uma *Declaração*, os *princípios* são cotados como fundamentais para o *modo de ser batista* e não o sistema doutrinário, uma vez que os *batistas* não têm, na sua história, “[...] nenhum credo ou confissão que possa ser considerado como definitivo para a maioria dos *batistas*”²⁷. Neste sentido, os *batistas* fazem uma *distinção* entre *princípios* e *doutrinas*, uma vez que os princípios dizem respeito à “identidade” *batista*. Mesmo com essa *distinção* tão tênue, as *doutrinas* favoreceram o enrijecimento do discurso a partir da *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*. Shurden lembra que “[...] os *batistas* não começaram a viver sua fé como um grupo de discípulos estático, rigidamente amarrado ou inflexível”²⁸.

A *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* ocupa um espaço de *conformação* para a maioria dos *batistas brasileiros*. Esse fato é corroborado quando uma *Igreja Batista* quer se *filiar* à *Convenção Batista Brasileira* precisa *aceitar* a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* como sendo sua. Historicamente os *batistas* resistiram a qualquer formulação doutrinária uniforme: “[...] nenhuma declaração doutrinária pode sumarizar adequadamente o mandato bíblico para a prática e a fé. É melhor, portanto, ficar somente com a Bíblia”²⁹.

Uma indispensável marca identitária dos *batistas* que Shurden coloca em discussão é a *liberdade religiosa*. Sabemos que um dos promotores da *liberdade religiosa* foi o *batista* inglês Thomas Helwys, que defendeu até o último momento de sua vida a *liberdade religiosa* para todos: “[...] que sejam heréticos, turcos, judeus ou o que quer que sejam, não compete a qualquer poder terreno puni-los na menor medida que seja”³⁰.

Tem-se a impressão de que o *princípio* da *liberdade religiosa* para os *batistas brasileiros* chega a ser *incômodo*. Isso se deve, portanto, a formação da mentalidade *batista* no país, como já mencionamos. O que Shurden chama a atenção é que os *batistas* não podem ser apenas *tolerantes* com a *religião* do outro. Para ele há uma diferença entre *liberdade*

²⁷ HEWITT, Martin D. *Raízes da tradição batista*. São Leopoldo: IEPG, 1993, p. 11.

²⁸ SHURDEN, 2005, p. 28.

²⁹ SHURDEN, 2005, p. 29.

³⁰ SHURDEN, 2005, p. 58.

religiosa e tolerância religiosa: “[...] a tolerância religiosa é apenas uma concessão; a liberdade religiosa é um *direito*”³¹.

Recentemente, no país, conhecemos a menina Kailane, de 11 anos. Ela foi atacada por um grupo denominado de “evangélicos” quando deixava uma celebração candomblecista no Rio de Janeiro. O pastor *batista* João Melo (Primeira Igreja Batista da Penha, Rio de Janeiro/RJ), mobilizou sua comunidade, juntamente com outras igrejas e pastores, para participarem de um ato de apoio e repúdio a *intolerância religiosa*. Com isso, “O Jornal Batista” (OJB), meio de divulgação *oficial* da Convenção Batista Brasileira, publicou uma capa histórica³², trazendo uma foto em que candomblecistas, umbandistas e pastores *batistas* estão juntos. Na capa do OJB, há um texto de Hebreus 12,14a que diz: “[...] esforcem-se para viver em paz com todos”. Percebe-se que a denominação não pôde se calar diante de um fato que ganhou a grande mídia, uma vez que o ato foi baseado em um *princípio batista*, a *liberdade religiosa*.

Mesmo diante de casos como esse o *princípio* da *liberdade religiosa* ainda é visto com certo pré-conceito por uma parcela de *batistas brasileiros*. Quando autores que publicam sob a supervisão denominacional precisam mencionar e comentar esse *princípio*, são sucintos na abordagem. Alguns demonstram desconforto quando o tema é tratado. Diante do tema da *liberdade religiosa* fazem com que o *princípio* se volte para os *batistas*, ou seja, acentuando o *direito* que os *batistas* têm em pregar o *Evangelho*, advogando o direito e a liberdade de falar e propagar a sua própria fé³³. Essa abordagem não contribui para o quadro de *intolerância religiosa* que está presente no país. Antes, é preciso favorecer o *diálogo* e reafirmar o direito que todos têm de professar a religião que assim entender, dentro de uma democracia. Mas o fator “missões” é um entrave, uma vez que os católicos e outras expressões religiosas são alvos da “evangelização” dos *batistas*. Favorecer o *princípio* da *liberdade religiosa* como um direito inalienável da dignidade da pessoa entra em conflito com a prática comumente reconhecida e

³¹ SHURDEN, 2005, p. 60.

³² Essa edição publicada pelo OJB é do dia 5 de julho de 2015.

³³ SILVA, Roberto do Amaral. *Princípios e doutrinas dos batistas*: os marcos de nossa fé. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 47.

conhecida dos *batistas brasileiros* de fazer “missões”. Por essa razão, é preciso procurar caminhos que possibilitem essa junção, mas a partir de meios legítimos e coerentes que podem incluir, naturalmente, a reflexão teológica, mas também a democracia e os *direitos humanos*. Eis aí um desafio que merece atenção. Ainda não há uma equação dentro das estruturas da denominação que dê conta disso, por isso a contribuição de Shurden é bem-vinda nesse contexto.

5. Os *batistas* são ecumênicos?

Dentre os protestantes, os *batistas brasileiros* se notabilizam pela resistência ao movimento ecumênico. Ao que parece, a resistência dos *batistas brasileiros* quanto ao diálogo ecumênico tem suas raízes na configuração do modo de *ser batista* no Brasil. O fundamentalismo bíblico que favoreceu o sectarismo (a posse e a pretensão de interpretar corretamente as Escrituras); o anticatolicismo como forma de acentuar a diferença ética e teológica (literaturas produzidas por escritores *batistas* tomam o catolicismo como base dialética para a construção do discurso doutrinador); o *landmarkismo*, que acredita que os *batistas* são os únicos cristãos apostólicos. Esses e outros fatores colaboraram para uma resistência ao ecumenismo com a justificativa de que precisam “preservar” a “identidade”. Os conservadores se orgulham disso quando dizem que “[...] os batistas constituem um dos poucos grupos que lutam tenazmente contra a avalanche terrível do ecumenismo”³⁴. Essa postura de Ebenézer Soares Ferreira quanto ao *ecumenismo* não representa *todos os batistas brasileiros*, antes é um posicionamento de alguém que tem prestígio na denominação devido aos cargos de liderança que ocupou na Convenção Batista Brasileira (CBB) e, por isso assume a condição de orientar e traçar os rumos da reflexão teológica no âmbito denominacional.

O questionamento quanto a não participação em órgãos ecumênicos se dá porque o “[...] ecumenismo fere alguns princípios batistas como

³⁴ FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: 1987, p. 50.

o da autonomia da Igreja”³⁵. Interessante notar que o *princípio batista da liberdade religiosa* não cabe aqui para uma *abertura* ao diálogo ecumênico no fórum máximo da representação dos *batistas brasileiros*, a Convenção Batista Brasileira (CBB). Os princípios da autonomia da Igreja Local e da liberdade religiosa deveriam ser os promotores para o engajamento e o diálogo ecumênico. Mas isso não ocorre, antes há uma resistência em nome dos mesmos princípios que facultam aos *batistas brasileiros* a sua adesão ou não ao movimento ecumênico.

Esse tema é alvo da pesquisa de Nilo Tavares Silva na Universidade Federal de Juiz de Fora em Ciências da Religião – *Do confronto ao diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*³⁶. O autor destaca o trabalho da Aliança de Batistas do Brasil (ABB) nesse debate. A necessidade de criar um espaço de *diálogo* acontece devido ao enrijecimento da Convenção Batista Brasileira que não favorece vozes dissonantes no seu meio. A ABB “[...] surgiu em 2005 por iniciativa do pastor batista Raimundo César Barreto Júnior”³⁷ e teve como inspiração a *Alliance of Baptists* dos Estados Unidos. Assim, a ABB se constitui em um importante espaço ecumênico, procurando desenvolver:

“[uma] espiritualidade integral, a celebração da diversidade, o respeito às diferenças, a busca constante do diálogo, a inclusividade e a hospitalidade a todos e todas, a solidariedade com os pobres, o cuidado com o planeta, a luta incansável pela justiça, a educação continuada, e a criação de um modelo de liderança marcado pela equidade, colegialidade e diversidade”³⁸.

A ABB segue rompendo barreiras, principalmente na questão de *gênero*, “[...] defendendo os direitos dos [homoafetivos]”³⁹. Recentemente a *Igreja Batista do Pinheiro* (Maceió/AL), liderada pelo pastor *batista* Wellington Santos, que também já foi presidente da ABB, decidiu acolher

³⁵ LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p. 138.

³⁶ SILVA, Nilo Tavares. *Do confronto ao diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

³⁷ SILVA, 2013, p. 143.

³⁸ SILVA, 2013, p. 145-146.

³⁹ SILVA, 2013, p. 154.

na comunidade pessoas homoafetivas na qualidade de membros. A igreja, dentro da sua autonomia e seguindo todas as fases de um processo democrático de uma *Igreja Batista*, filiada à Convenção Batista Brasileira (CBB), decidiu, por maioria, incluir essas pessoas. A CBB se pronunciou sobre o caso e emitiu uma *Declaração*, alegando descumprimento de *estatutos* e *documentos* emitidos pela instância representativa denominacional. Mas isso não impediu que a temática ganhasse força e chegasse em outras igrejas que já estavam pensando e refletindo sobre o tema, mas até então não haviam se manifestado de modo aberto. Com a notícia da *Igreja Batista do Pinheiro*, outras comunidades passaram a discutir o assunto e promover encontros para o debate a partir de diferentes perspectivas do *conhecimento*, principalmente a bíblica. Isso só foi possível porque tais comunidades têm um comportamento ecumênico e, como característica primordial, o *diálogo*.

Considerações finais

Um dos objetivos desse texto é contribuir para que o pensamento *batista* seja favorecido. Para tanto, procuramos elencar algumas *obras* de autores nacionais e um *autor* internacional, Shurden, que buscam entender o *modo* de *ser batista*, favorecendo, assim, uma reflexão mais ampla sobre determinados assuntos de relevância para os *batistas brasileiros*. Os textos aqui elencados estão acessíveis a todos que olham para o movimento *batista* com *esperança* de que algumas posturas e comportamentos possam ser reformados no espírito da Reforma Protestante.

É notável que os temas-textos trabalhados por esses autores não é fruto de publicações *oficiais*, ou seja, não são textos em que há interesse por parte da instituição tornar visível; eles são, e continuarão sendo, marginais, pois se constituem em vozes que *destoam* do discurso *oficial* em termos teológicos, comportamentais e eclesiais. Mesmo assim, este espaço aberto por esses textos-autores contribuem para o *diálogo* de maneira salutar, porque torna possível dar *voz* a temas-textos que, de outra forma, não seriam vinculados em ambientes denominacionais.

Assim, se pensou nos desafios que os temas-textos levantaram. Alguns continuam pulsando e prementes de *diálogo*. A questão de gênero e o tratamento aos homoafetivos, por exemplo, ainda está na *pauta* de discussão entre os *batistas brasileiros*. Ainda é possível essa discussão e tratamento em razão da *pluralidade* como marca identitária do movimento *batista*. Aqui foi possível elencar alguns aspectos do *modo de ser batista*, demonstrando a sua *pluralidade* e *princípios*, mesmo havendo discursos e enrijecimento doutrinário que desconsidere essas características. O *ser batista* implica em *pluralidade*, em *liberdade*, em *diálogo*, em *abertura* para pessoas e temas da contemporaneidade.

Ainda são escassos textos, ou traduções, de autores que procuram pensar o *modo de ser batista*, mas os autores aqui trabalhados, ainda que sucintamente, abrem clareiras e pontos de luz. Por isso, esperamos, mais ainda, viabilizar narrativas acolhedoras e *plurais* a partir de temas que afetam o ser humano na sua dignidade, religiosidade e direitos.

Referências

- ALONSO, Leandro Seawright. “Subversão religiosa, poder e experiência pentecostal na biblioteca do seminário: a formação das redes de poder” (p. 123-206). In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Batistas: dominação e dependência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015a.
- _____. *Histórias, tradições e pensamentos batistas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- FERREIRA, Ebenézer Soares. “Explicações sobre a declaração doutrinária da CBB” (p. 9-10). In: FERREIRA, Ebenézer Soares (Org.). *Comentários à declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009.
- FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: 1987.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- GONÇALVES, Alonso; SILVA, Natanael Gabriel da. *Pastoreio e compaixão: uma contribuição à pastoral urbana a partir da teologia pública*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- HEWITT, Martin D. *Raízes da tradição batista*. São Leopoldo: IEPG, 1993.
- LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- NOVAES, Carlos. “Vocação para a intolerância: controvérsias e cisões na história dos batistas”. In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 9-12.
- PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- SHURDEN, Walter B. *Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas*. Recife: MLK-B, 2005.
- SILVA, Nilo Tavares. *Do confronto ao diálogo: o estilo batista de ser e a questão ecumênica no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- SILVA, Roberto do Amaral. *Princípios e doutrinas dos batistas: os marcos de nossa fé*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.
- YAMABUCHI, Alberto Kenji. “A voz paradoxal de uma mulher no debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil”. In: PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). *Os batistas: controvérsias e vocação para a intolerância*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 51-79.

Submetido em: 29/12/2016

Aceito em: 14/06/2016